QUANTA BRASÍLIA

38 Anos

José Varella

Alexandre Botão
Da equipe do **Correio**

Trinta e oito anos. São 38 anos sem esquinas. Não há esquinas, nem nomes nas ruas. Mas, claro, há montes de endereços nos 5.782 km2 do Distrito Federal. Endereços que os 85 mil visitantes e turistas que chegam a Brasília todos os meses ainda acham esquisitos por causa do excesso de números. 810 Norte? 316 sul? Duas dúzias de quê, afinal, formam uma QL 24, no Lago Sul?

Somos 1.863.000 habitantes que não nos importamos, nem um pouco, se entendem ou não os endereços daqui.

E em pouco tempo seremos "milhões". Só no ano passado, 52.456 pessoas nasceram no Distrito Federal. São 143 partos por dia — um novo brasiliense de dez em dez minutos.

Mas também perdemos parentes, amigos. No mínimo, conterrâneos. Vinte e nove deles diariamente. Enterrados em um dos cinco cemitérios do Distrito Federal.

Mas a vida é assim. E acordamos para mais um dia. No café da manhã, com ou sem manteiga, devoramos 917 mil pãezinhos.

E 862 mil de nós, depois do pão, seguimos para mais um dia de trabalho — a chamada população economicamente ativa.

Horas de serviço que rendem, ao final do mês, R$ 404,00, em média, para cada trabalhador. Uns mais, outros menos. No Lago Sul, por exemplo, o contra-cheque médio ultrapassa os R$ 1.900,00 mensais. Em outras cidades, não chega a um salário-mínimo, como Paranoá (R$ 119,48) e Santa Maria (R$ 122,20).

Gente como a gente gasta a maior parte do dinheiro com contas a pagar. Como a de energia elétrica que custa, em média, R$ 38,29 a cada brasiliense. Ou de água: um habitante consome 210 litros por dia. Só em fevereiro deste ano, todos os brasilienses abriram a torneira para usufruir de 10.864.642.000 litros de água.

Parte dessa cachoeira serviu para encher as piscinas. Também pudera. Contando apenas as residenciais, são 16.627 piscinas em todo o Distrito Federal. Mas enxurrada mesmo nós deixamos escorrer nos nossos banhos. Seja nos 564.858 chuveiros elétricos de Brasília ou nas 22.355 banheiras da cidade — 10.898 delas, com hidromassagem.

Em casa ou no trabalho, os brasilienses gastam 233 milhões de minutos por mês ao telefone. São mais de 7 milhões de minutos por dia. Os 800 mil telefones fixos e 160 mil celulares levam cada um de nós a passar mensalmente duas horas e cinco minutos com o gancho no ouvido.

Depois de pagar tanta conta, o melhor é puxar o extrato bancário. A cidade tem 291.186 contas, não é possível que uma delas não tenha saldo positivo.

Ao sair do trabalho, alguns de nós embarca no merecido happy hour, *que leva embora 522 mil litros de cerveja diariamente. É claro que tanto álcool assim não passaria no teste do bafômetro. Não na capital que vem conseguindo conquistar a sonhada Paz no Trânsito.*

A preocupação é válida. A cidade tem 724 mil veículos rodando — 691 mil nacionais e 33 mil importados —, entre carros de passeio, motocicletas, caminhonetes, caminhões, tratores e bondes. Bondes? Claro que sim, são dois. Devidamente registrados no Departamento de Trânsito.

Voltamos ao final do dia para o lar. No Distrito Federal, abrir a porta de casa e pisar em carpete é sensação que só 11.271 residências proporcionam. Mas pisar em carpete não é lá grandes coisas. Melhor mesmo é abrir geladeira pegar algo para comer ou beber e sentar para ver televisão. Abrimos 455.872 geladeiras e ligamos 645.760 aparelhos de TV todas as noites.

Vamos dormir depois de mais um dia. Daqui a 365 deles, Brasília fará 39 anos. Outros 365 e chegará a 40. Dez anos passam voando e nossa capital completará meio século. Meio século de pãezinhos, telefonemas e happy hours.

E nossos 349.312 endereços continuarão os mesmos. Cheios de números. E a capital federal continuará sem nenhuma esquina. Nem uminha.